

18.3.88 Camponeses fogem dos BA's e apresentam-se em Nicoadala

◆ Média diária é de 50 pessoas

◆ Governo distrital necessita de mais apoio

por Anselmo Tembe, nosso enviado especial

— Vim entregar-me ao governo porque acredito nele e tenho provas de que a Frelimo não mata ninguém. Agora preciso de uma machamba e de meios para produzir a minha comida — assim começou por se expressar a Sra. Júlia Maurício, 58 anos, uma das dezenas de camponeses que diariamente se apresentam às estruturas administrativas do distrito de Nicoadala, província da Zambézia.

Encontrámos a senhora Júlia Maurício debaixo de uma frondosa mafurreira na aldeia comunal de Licuar, que dista a cerca de 12 quilómetros da sede do distrito. Com ela estavam outros camponeses, que acabavam de chegar de várias zonas de Nicoadala e de outros distritos vizinhos.

Depois de «inspeccionados», os deslocados são posteriormente enquadrados em centros que, para o efeito, estão criados onde lhes são distribuídas terras, instrumentos de produção e sementes para o reinício da nova vida.

Aglomerados debaixo da mafurreira, todos de corpo nu, os camponeses apresentam sinais de mais de dois anos de sofrimento e marcas da guerra de agressão que a África do Sul, através dos bandidos armados, nos move.

SOFRIMENTO NA BOCA DOS CAMPONESES

A situação vivida por milhares de camponeses nos diversos pontos do país, em particular na província da Zambézia, é de facto lamentável. Para além de carências alimentares e da falta de cuidados sanitários, os camponeses são obrigados a viver como animais num cenário triste que recorda os tempos da pré-história.

— Vivía com a minha mulher e 2 crianças na localidade de Nhacua, distrito de Nicoadala. Mas a partir de 1986 vim-nos obrigados a deixar a palhota para passar a viver no mato devido às atrocidades dos bandoleiros — afirmou Domingos Dinheiro, que se entregou recentemente na sede do distrito.

Este camponês disse ainda que não podia fazer machamba, porque os bandidos arrancavam as plantas.

Não havia tempo de produzir, mas sim de fugir dos bandoleiros — disse.

Outro cidadão, contactado pelo «Notícias», foi Marques Fotine, que afirmou que vivia na zona de Siate, no distrito de Nicoadala. Acrescentou que, desde 1986, que fugia dos bandidos e das tropas da Frelimo, pois temia que, se se fosse entregar a uma das partes seria morto.

— Apercebi-me de que é mentira que as tropas da Frelimo matam pessoas que vivem no mato. Tenho familiares que se entregaram ao governo, mas nunca ouvi que foram mortos. Esta

foi a razão que fez com que me viesse apresentar, para além de estar cansado de viver no mato, onde o sofrimento é todos os dias — sublinhou Marques Fotine.

Acrescentou que ele e a sua família se alimentavam de frutos silvestres tais como «moma» e «malava».

Agora quero instrumentos de produção para fazer a minha machamba — frisou Fotine.

A situação mais triste foi aquela que foi contada à nossa reportagem pela senhora Júlia Maurício, que deixou o seu marido Meissasse, sofrendo de tuberculose em estado já avançado.

— O meu marido já não falava e muito menos aguentava andar. E, porque tenho muitas crianças, priorizei a vida de menores e vim apresentar-me. No dia da nossa partida, Meissasse Pinto acenou a mão — conta Júlia Maurício.

Esta cidadã apresentou-se na aldeia comunal de Licuar no passado dia 5 de Março, vinda de Catale, distrito de Mopeia.

DISTRITO PEDE MAIS INTERVENÇÃO

O distrito de Nicoadala necessita de mais intervenção das estruturas res-

ponsáveis pelo apoio aos deslocados. Tal necessidade é ditada pelo aumento diário do número de deslocados que ocorre aos diversos centros de acomodação.

Segundo Moisés John Alberto, primeiro secretário e Administrador de Nicoadala, o seu distrito precisa de mais produtos, vestuário e de instrumentos de produção para distribuí-los por centenas de camponeses que se têm vindo entregar nos últimos meses.

Falando das acções em curso no seu distrito em apoio à população deslocada, Moisés Alberto apontou que decorre, presentemente, a abertura de poços para abastecimento de água aos camponeses albergados nos centros.

— O afluxo diário das populações fugidas do cativeiro aumenta as nossas necessidades em termos de pro-

ductos e de meios de produção — salientou o Administrador de Nicoadala.

No dia em que a nossa reportagem esteve no pequeno centro de recepção de deslocados (dia 9 deste mês) montado na sede do distrito de Nicoadala, procedia-se à distribuição de enxadas.

Brevemente encaminharemos estas pessoas para um outro centro, onde se fará a distribuição de terras de cultivo e de sementes — concluiu Moisés Alberto.